

Ecological Crop Geography*

SÍLVIO FRÓIS ABREU

Trata-se dum volume de 615 páginas, convenientemente ilustrado com a particularidade de ser uma geografia que não tem sequer uma fotografia de paisagem ou tipo humano, trazendo contudo 108 gravuras de mapas, gráficos e esquemas altamente ilustrativos.

O livro é atraente, repleto de conceitos devidos a uma grande variedade de autores clássicos e deve agradar a todos os que se interessam pelos problemas da geografia mundial.

Salienta-se nêle, além da feição sólidamente geográfica, uma tendência para imprimir, sempre que possível, um caráter quantitativo aos fatos em discussão, o que tende a fazer crescer a confiança do leitor nas conclusões do autor

Outra particularidade da obra é a apresentação, no fim de cada capítulo, de uma bibliografia selecionada, abrangendo, ao todo, cêrca de 694 referências, o que implica dizer que é uma preciosa fonte informativa para quem deseje mais amplos conhecimentos sôbre as questões ali tratadas. Como o título indica, o livro versa sôbre as condições ecológicas das culturas vegetais sob o aspecto geográfico. O assunto é dividido em 32 capítulos que têm os títulos seguintes: I — Finalidade da geografia ecológica das colheitas; II — Fundamento histórico da produção agrícola; III — População em relação ao desenvolvimento agrícola; IV — Fatores determinantes dos centros mundiais de população e produção agrícola; V — O meio social. Êsses cinco capítulos constituem a primeira parte, enfeixada sob o título: O Meio Social das Plantas de Colheitas (de cultura?).

A segunda parte encerra também cinco capítulos sob o título geral de Ambiente Fisiológico das Plantas Cultivadas, dividindo-se em: VI — O ambiente fisiológico; VII — Fatores externos em relação ao desenvolvimento; VIII — Limites fisiológicos; IX — Produção e variabilidade em relação ao ótimo ecológico; X — Adaptação.

A terceira parte trata dos fatores ecológicos, nos seguintes capítulos: XI — Aspectos gerais das relações de umidade; XII — Aspectos quantitativos das relações de umidade; XIII — Províncias de umidade; XIV — O uso da água pelas plantas; XV — Resposta especial das plantas cultivadas ao fator umidade; XVI — Temperatura; XVII — Eficiência de temperatura e bioclimática em relação à distribuição das colheitas; XVIII — Luz; XIX — Movimento do ar; XX — Classificação do clima; XXI — Fatores edáficos e fisiográficos.

A parte quarta trata da distribuição geográfica das plantas cultivadas, tais como: XXII — As colheitas de pequenos grãos (cevada, aveia, arroz); XXIII — Os cereais grossos (milho, sargos e milhetos); XXIV — Legumes comestíveis (feijão, ervilhas, lentilhas, amendoins); XXV — Batatas, batata doce, inhame e outros tubérculos); XXVI — Açúcar; XXVII — Óleos; XXVIII — Fibras; XXIX — Leguminosas, forrageiras anuais (sojas, lespedeza, etc.); XXX — Leguminosas forrageiras bienais e perenes (alfafa, etc.); XXXI — Capins forrageiros perenes; XXXII — Culturas miscelâneas.

O modo de tratar o assunto é que dá ao livro as características nitidamente geográficas, diferenciando-o de um tratado de agronomia ou de simpósio sôbre várias culturas. Tomando-se o capítulo referente ao milho, pelos títulos pode-se bem avaliar o método da obra. Assim é desenvolvido o assunto sob os seguintes aspectos: milho, importância comercial, a grande cultura alimentícia, milho como cultura alimentícia. Usos industriais, história, origem do milho. A expansão da cultura do milho. Relações entre chuva e solo. Condições de temperatura. Condições de umidade. Regiões climáticas. Condições de solo para o milho. Distribuição do milho no mundo. Distribuição do milho nos Estados Unidos da América do Norte.

Nesse padrão, são tratadas as principais culturas vegetais do mundo, sempre acompanhadas de dados estatísticos, produção específica, mapa de distribuição geográfica e dados que caracterizam perfeitamente os conceitos.

* Obra de KARL H W KLAGES, professor de agronomia da Universidade de Idaho (U.S.A.) e agrônomo de estação experimental de Idaho The Macmillan Company, New York — 1942.

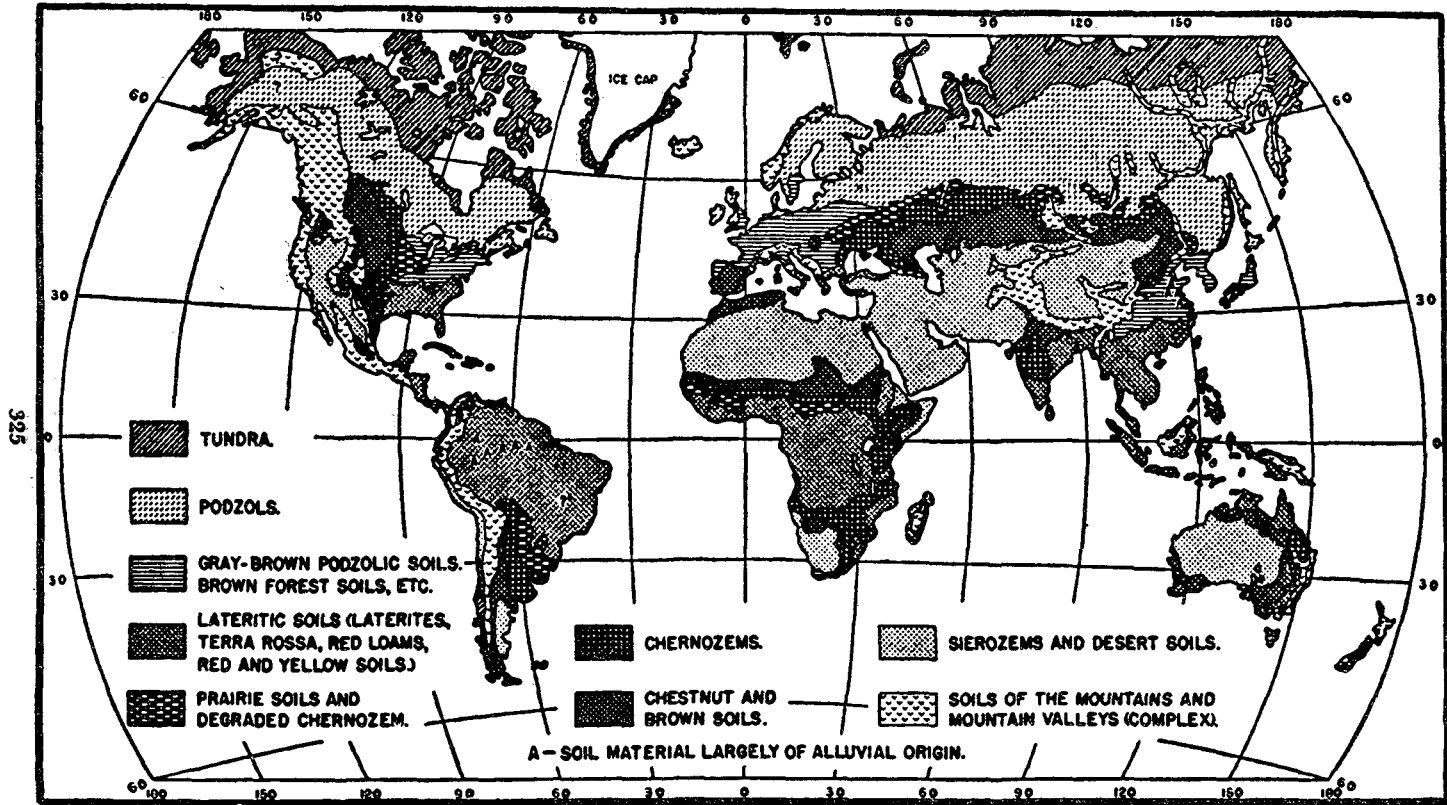


FIG. 64. Schematic map of the primary groups of soils of the world. (After Kellogg [8].)

O autor faz notar, no princípio do livro, a diferença que há entre ecologia das colheitas e geografia ecológica das colheitas; a primeira se refere a investigações sobre as relações entre as plantas cultivadas e seu ambiente fisiológico, sem levar em conta os fatores econômicos da produção e distribuição.

A geografia ecológica das colheitas toma em aprêço os fatores fisiológicos e econômicos.

A geografia ecológica das plantas, segundo KLAGES, começa com ALEXANDRE HUMBOLDT na sua *Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse* em 1806, depois SCHOUW's no *Grundzüge einer allgemeinen Pflanzengeographie* em 1836, seguindo-se a *Geographie botanique raisonnée*, de DE CANDOLLE, em 1856; a *Die Vegetation der Erde*, de GRIESEBACH em 1872 e os mais recentes trabalhos de DRUDE, SCHIMPER, WARMING, CLEMENTS, LIVINGSTON e SHREVE.

Muitos fatos interessantes são postos em evidência nesse livro; por exemplo, a correlação entre os centros de produção de batatas e as concentrações de população de raça branca, o desenvolvimento de cultura de plantas alimentícias em certas áreas sem o auxílio de animais domésticos, etc.

A propósito disso, lembra que os índios não tinham animal de carga, a não ser a mulher — a mulher é a mula do índio, dizia CHAMPLAIN

Mostra que nos Estados Unidos, cerca de um terço das plantas cultivadas são americanas, tais como o milho, a batata comum e a batata doce, os feijões comestíveis, os amendoins, o tabaco, algumas variedades de algodão, etc.

O capítulo III, que trata da população em relação ao desenvolvimento agrícola, é bastante curioso, e o autor se alarga no problema do abastecimento alimentar das gerações futuras MALTHUS e ADAM SMITH são comentados, e o problema da relação Homem-Terra é discutido com brilho Citando um conceito de RATZEL de que cada nação é um pedaço do solo de humanidade, discute os fatores que determinam a capacidade de uma dada região para conter maior ou menor população, e reproduz um curioso mapa de ZIMMERMANN Nesse mapa, vêem-se as regiões possuidoras de abundante fontes de energia portadoras de uma civilização industrial, e as regiões das monções muito povoadas, mas com uma civilização de tipo inteiramente diverso e muito inferior.

“As regiões são povoadas não em proporção ao número de pessoas que sua produção pode vestir e alojar, mas em proporção ao número que pode alimentar”, é o conceito de SMITH que KLAGES comenta em um de seus capítulos. Mostra que o povoamento branco tende a se congregar em torno de 5 centros ou grupos de cidades que são: Londres, Chicago, Sidney, Durban e Buenos Aires.

Chama a atenção para a necessidade das práticas conservativas do solo, de vez que os alimentos para toda a humanidade só provêm de 13 000 milhões de acres cultivados, (cerca de 5 261 milhões de hectares) o que não é muito e, portanto, requer cuidados e práticas dependentes a desenvolver uma maior produção por unidade de área.

No capítulo referente aos fatores edáficos e fisiográficos, publica uma carta dos solos do mundo, devida a KELLOG, lançando uma prudente interrogação no centro do Brasil.

Mostra isso o critério do autor e põe em estímulo os que entre nós tentam trazer alguma luz sobre essa importante questão do estudo dos solos do nosso país.

O livro com a abundância de dados sobre as plantas cultivadas nos diversos ambientes e as características ecológicas de cada uma, constitui uma excelente exposição para os que desejam conhecer o panorama mundial das terras cultivadas. Além disso, representa uma valiosa fonte bibliográfica e uma inspiração para a elaboração de trabalhos mais especializados e mais minuciosos, referentes à geografia ecológica das plantas cultivadas no Brasil.

Antes de terminar, queremos chamar a atenção para o preço relativamente baixo da obra — Cr\$ 90,00 na livreria Agir Editôra que, naturalmente, já inclui um razoável lucro comercial.

O leitor com pouco dinheiro, tem um livro bem impresso, com mais de 600 páginas, 108 gravuras e um precioso repositório de dados que focalizam o panorama mundial — em nossa opinião — um fato grandemente necessário para que se estimule a nossa produção e se reaja contra o ufanismo inadmissível nesta época de profunda competição.